

VENEZUELA

Forças de Nicolás Maduro iniciam exercícios bélicos com contingente e aparato terrestre, aéreo e naval na ilha caribenha de La Orchila. Testes ocorrem em meio ao aumento de tensão com os EUA, que dizem ter afundado três barcos venezuelanos

Fotos: Telesur/Reprodução



Treinamento intitulado "Campanha Caribe Soberano 200" envolve mobilização militar no Mar do Caribe para fazer frente à pressão dos Estados Unidos na luta contra cartéis do narcotráfico

Manobras de guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

Até amanhã, 12 navios de guerra, 22 aeronaves e 20 embarcações de menor porte da "Milícia especial naval", além de 2.500 militares da Venezuela participarão de uma série de manobras bélicas em La Orchila, ilha do Caribe ao norte da costa venezuelana. A Campanha Caribe Soberano 200, batizada pelo presidente Nicolás Maduro, coincide com o deslocamento à região, por parte dos Estados Unidos, de oito destróieres. Nos últimos dias, de acordo com o governo de Donald Trump, as embarcações norte-americanas bombardearam ao menos três lanchas rápidas supostamente utilizadas pelo narcotráfico e mataram pelo menos 11 pessoas a bordo.

"Levantou-se uma voz ameaçadora e vulgar contra nosso povo, contra nossas autoridades legítimas e contra nosso comandante em chefe, presidente Nicolás Maduro Moro. (...) Nessa conjuntura especial, temos que duplicar os esforços, elevar nossa prontidão operacional para um cenário de conflito armado no mar, e estamos fazendo isso", declarou Vladimir Padrino López, ministro da Defesa da Venezuela. "Vai haver deslocamentos da defesa aérea com drones armados, drones de vigilância e drones submarinos (...) Também implementaremos ações de guerra eletrônica", acrescentou. A emissora de televisão Telesur divulgou imagens de embarcações anfíbias e navios de guerra deslocados em La Orchila. Na ilha caribenha, funciona uma base da Marinha venezuelana.

De acordo com o jornal *El Nacional*, sediado em Caracas, as manobras da Força Armada Nacional Bolivariana (FANB) ocorrerão em um território de 43 quilômetros quadrados, que fica a 97 milhas náuticas (cerca de 179km) do estado de La Guaira. Perto dali, os Estados Unidos interceptaram uma embarcação pesqueira venezuelana e a mantiveram retida por oito horas, no último fim de semana. Segundo o jornal, a artilharia usada nos exercícios militares é de fabricação russa.

Wendys Olivo/Presidência da Venezuela/AFP



Padrino López: "Vai haver deslocamentos da defesa aérea com drones armados, drones de vigilância e drones submarinos"

Por sua vez, Diosdado Cabello, número dois do chavismo e ministro das Relações Exteriores, acusou a DEA — agência de repressão a drogas dos Estados Unidos — de montar uma operação de "falsa bandeira", uma encenação para associar a Venezuela ao narcotráfico. Ele afirmou que as forças de segurança de seu país apreenderam uma lancha com 3.680kg de cocaína e quatro tripulantes.

"Quem é o dono dessa droga? O operador da droga é um senhor que se chama Levi Enrique López Batis. Vou dizer isso com conhecimento de causa e que fique muito claro: Levi Enrique López

Batis é agente da DEA, um macrotraficante, e contra a Venezuela essa agência seria parte de uma operação de falsa bandeira", disse Cabello.

Ceticismo

Coronel do Exército da Venezuela e analista das áreas de segurança e defesa, Antonio Guevara afirmou ao *Correio* não acreditar que a mobilização dos oito destróieres norte-americanos, "ainda que excepcionais", se materialize em uma ação militar em território venezuelano, seja em águas territoriais ou no continente, no

estilo da ocorrida no Panamá em 1989. "À medida que o tempo passou, o presidente Trump acabou por complicar-se em âmbito doméstico. Além disso, organismos multilaterais encabeçados pela Organização das Nações Unidas (ONU) apontam graves violações dos direitos humanos, com as duas embarcações abatidas. Fundamentalmente, não se cumpriram os protocolos marítimos relacionados ao procedimento de detecção e identificação dos integrantes das embarcações. Entendo que há uma terceira lancha supostamente abatida, mas como temos poucas informações específicas, prefiro não abordá-la", comentou.

Para Guevara, o regime de Nicolás Maduro utiliza as manobras militares para construir uma narrativa da uma vitória categórica da Revolução Bolivariana sobre o imperialismo. "Com todo esse deslocamento de forças que acabam de fazer, se os Estados Unidos não executarem uma iniciativa operacional, isso pode ser interpretado pela opinião pública venezuelana como uma derrota de Washington", avaliou o coronel. "Vender essa ideia como um revés americano dentro do regime chavista significa afiançá-lo e consolidá-lo, além de dar-lhe mais consistência nas provocações."

Eu acho...



Arquivo pessoal

"O regime de Nicolás Maduro tem feito o seu trabalho: resistir. O pior que pode ocorrer é que os Estados Unidos iniciem uma operação de intervenção em território venezuelano. Mas creio que Maduro fez os seus cálculos e concluiu que isso não ocorrerá. Então, prepara a narrativa posterior, de vitória da Revolução Bolivariana sobre os EUA. A mobilização americana ocorreu há mais de um mês e tudo o que conseguiu, oficialmente, foi afundar duas ou três embarcações venezuelanas."

Antonio Guevara, coronel do Exército da Venezuela e analista das áreas de segurança e defesa

ORIENTE MÉDIO

Fuga em massa da Cidade de Gaza

Firas Diab tentou fugir da Cidade de Gaza, mas desistiu quando soube que teria de gastar o equivalente a US\$ 3 mil (quase R\$ 16 mil) para conseguir partir e levar os seus pertences em direção ao sul. "Prefiro ficar e enfrentar a morte", desabafou ao *Correio* o palestino, desempregado desde o início da guerra, em 7 de outubro de 2023. "Não há local seguro, nem barracas, nem nada. Para onde eu iria? Estou cercado por todos os lados."

No segundo dia da incursão terrestre israelense para tentar capturar a Cidade de Gaza e derrotar o movimento palestino Hamas, Diab classificou a situação como o "inferno". "Munições e mísseis caem por todos lados. Os tanques avançam. Casas estão sendo bombardeadas e pessoas, massacradas. É um verdadeiro genocídio", assegurou. Ele enviou duas fotos à reportagem: uma delas mostra quatro tanques estacionados no meio de uma avenida cercada de prédios em ruínas e com o asfalto rasgado ao meio; a outra flagrou uma grande explosão do lado de um acampamento de deslocados internos.

A pé, de bicicleta ou em veículos, os palestinos fogem em massa da Cidade de Gaza. Somente ontem, os bombardeios de Israel deixaram pelo menos 86 mortos. No fim do mês passado, cerca de

Eyad Baba/AFP



Palestinos se deslocam rumo ao sul, com medo da incursão terrestre israelense

1 milhão de pessoas moravam na cidade e em seu entorno. Mais de 350 mil moradores teriam partido.

Enquanto suas obras eram exibidas em uma exposição organizada pela Comissão Europeia e pelo Programa Mundial de Alimentos da ONU, em Bruxelas, o artista palestino Ahmed Muhanna apelava ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha para que o ajudasse a abandonar a Cidade

de Gaza. "A situação por aqui é catastrófica e piora a cada momento. Passamos pelas piores e mais destrutivas condições de vida", relatou Muhanna ao *Correio*, por meio do Instagram.

"Nós vivemos em uma grande prisão. Ninguém consegue sair daqui, exceto por meio da Cruz Vermelha. O barulho das explosões persiste. A situação é muito catastrófica", ressaltou o artista. "Estamos expostos aos bombardeios, ao extermínio e ao deslocamento forçado", concluiu Muhanna. Ontem, as Forças de Defesa de Israel (IDF) deram 48 horas para a população palestina deixar a Faixa de Gaza e anunciaram a abertura de uma rota de passagem temporária através da rodovia Salah Al-Din — a via cruza o centro do território ocupado, de norte a sul. A agência France-Press divulgou, no entanto, que o corredor ficará aberto apenas até o meio-dia de amanhã no horário local (6h em Brasília).

Sanções

A Comissão Europeia, órgão Executivo da União Europeia (UE), propôs aumentar os impostos sobre importações de Israel e impor sanções contra dois ministros de extrema-direita do governo de coalizão de Benjamin Netanyahu. (Rodrigo Craveiro)

Pompa da realeza britânica para Trump

Kirsty Wigglesworth/AFP



O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, foi solenemente homenageado pela monarquia britânica no Castelo de Windsor, no primeiro dia de sua visita oficial ao Reino Unido, longe de Londres e dos protestos contra ele. Trump e sua esposa, Melania, que chegaram a Londres na noite de terça-feira, foram recebidos ao desembarcar do helicóptero que os transportou da capital pelo príncipe e princesa de Gales, William e Kate, e pelo rei Charles III e a rainha Camilla. Salvas de canhão, procissão de carruagens e uma cerimônia militar marcaram o início desta segunda visita de Estado do presidente americano, após a realizada em 2019, durante seu primeiro mandato. O americano inspecionou uma guarda de honra (foto) no pátio do castelo, em uma cerimônia militar inédita, com 1.300 membros do exército britânico. Além disso, Trump elogiou a beleza da princesa Kate, informaram jornalistas especializados na realeza, presentes em Windsor, onde o mandatário passará as duas últimas noites de sua visita, a 40km de Londres.